

TRÊS MOTIVOS PARA (NÃO) LER LITERATURA

MARCOS APARECIDO PEREIRA*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Programa de Pós-Graduação em Ensino, Cuiabá, MT, Brasil.

Recebido em: 26 maio 2023. Aprovado em: 24 jun. 2023.

Como citar este artigo: PEREIRA, M. A. Três motivos para (não) ler literatura. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 2, p. 21-32, maio/ago. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n2p21-32

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a prática de leitura literária como uma experiência imaginária que mobiliza pensamentos, sentimentos e emoções em diálogo com o objeto estético. A literatura possui a capacidade de atuar no subconsciente e potencializar processos de formação individual e social, levando o leitor a um estado de insatisfação com o senso comum, com o conformismo e com as verdades absolutas. Isso porque a literatura oferece experiências significativas, estimula perspectivas divergentes e amplia os horizontes de compreensão dos fenômenos com os quais lidamos diariamente. Ela desafia conceitos estagnados e incita o leitor a buscar constantemente o novo e o além. A leitura

* E-mail: marcos.pereira@ifmt.edu.br
 <https://orcid.org/0000-0001-9498-8248>

literária é, portanto, uma ação transgressora, colocando em risco padrões e modelos preconcebidos de sociedade.

Palavras-chave

Leitura literária. Imaginação. Transgressão.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a prática da leitura literária como uma experiência imaginária capaz de mobilizar pensamentos, sentimentos e emoções em uma relação dialógica com o objeto estético. Reconhecendo que essa relação é mediada pelo prazer, conforme a perspectiva de Barthes (1987), e entendendo que o texto literário atua diretamente em nosso subconsciente, potencializando o processo de formação em níveis psíquicos e sociais (Candido, 2011), é possível compreender por que, em várias ocasiões ao longo da história, desde *A República*, de Platão, até os regimes ditatoriais, militares e/ou religiosos, a literatura foi censurada ou vista com desconfiança.

O texto literário constrói e resgata imagens psíquicas na mente do leitor, levando-o a sonhar com outras possibilidades de existência. Bachelard (2019, p. 17) afirma: “as imagens que são forças psíquicas primárias são mais fortes do que as ideias, mais fortes do que as experiências reais”. Isso nos leva à conclusão de que a literatura é capaz de proporcionar experiências tão ou até mais significativas do que as experiências reais, pois são construções psíquicas que emergem das profundezas do indivíduo leitor, conduzindo a um momento de aperfeiçoamento e desenvolvimento íntimo e singular.

O leitor é afetado pela obra, portanto, a literatura é “uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais” (Candido, 2011, p. 178). Nesse sentido, “[a leitura], como toda experiência, implica riscos para o leitor e para aqueles que o rodeiam” (Petit, 2013, p. 147). Portanto, a literatura é perigosa, desafiadora e subversiva à ideia de uma única verdade, à ignorância e à homogeneidade da vida.

Ao criar imagens psíquicas diretamente na mente do leitor, a literatura conduz a outras formas de ser, agir e pensar. A leitura literária estimula pontos de vista divergentes e amplia os horizontes de compreensão sobre os fatos e os

fenômenos. Desse modo, ela rompe com conceitos estagnados no espaço e no tempo, desafia o senso comum e incita o leitor a uma busca constante e insaciável pelo novo, pelo melhor e pelo além. Assim, a leitura literária sempre foi e continuará a ser uma ação transgressora do mundo e, acima de tudo, de si mesmo (do próprio leitor), o que, obviamente, coloca em risco padrões e modelos preconcebidos de sociedade.

A VIDA É MAIS FÁCIL, POIS UM POUCO BASTA

Quem não lê ganha a vida planejada. A pessoa nasce, vai à escola, trabalha, paga conta, casa, tem filhos, aumenta as contas, paga mais contas e morre. Tudo certo, correto, ordenado. Há, nesse sentido, um tipo de niilismo passivo implícito no não leitor, pois ele se senta à beira do abismo da vida e se põe a cumprir as funções sociais que lhe são atribuídas.

Acrescenta-se que se “somente o niilista passivo se moveria desde sempre no âmbito da doença e da decadência” (Araldi, 2013, p. 58), poderíamos dizer que o não leitor não dispõe de “saúde” imaginária, intelectual ou sonhadora para buscar outros modos de ser. Isso, por sua vez, leva a uma paralisia da psique em alguns aspectos que, em uma analogia, assemelha-se à situação de um *hamster* na esteira em busca da satisfação da próxima necessidade fisiológica até a própria extinção.

Por outro lado, o leitor sofre. Quem já esteve alguma vez do “lado de lá”, seja em Nárnia, Hogwarts, Oz, Terra do Nunca ou em qualquer outro cantinho do que comumente se define como reino da imaginação, quererá mais, sempre mais. O leitor que encontrou o prazer de vivenciar o texto literário em sua mente será tomado por um tipo de dependência pelo restante de sua vida. As histórias de Dom Quixote e de Madame Bovary são exemplos clássicos de que leitores “infectados pelo ato de ler e pela compulsão da leitura, perdem a razão e o sentido da realidade; e, por tais distorções, são condenados à loucura e à morte” (Melo, 2015, p. 162).

Vale mencionar também que não há clínica de reabilitação para leitores. O leitor quer sempre mais, logo, este é um caminho sem volta, estrada sem retorno, a exemplo do que houve com Alonso Quijano ou Emma Bovary. A magia da ficção infecta-nos para sempre e nos “força” a viver uma vida de aventuras destemidas, heroicas, eróticas, atrevidas, singulares, íntimas e repletas de transformações durante o percurso.

Llosa (2012) chama esse fenômeno de tentação do impossível ao analisar a obra *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Assim, somos tentados a querer outra vida, outro mundo, outras relações que substituam todas aquelas que não nos satisfazem plenamente. Somos provocados a mudar o curso de nossas histórias pessoais a partir das ficções que lemos, pois elas plantam em nós desejos múltiplos e, ao mudar nossas histórias pessoais, o leitor também muda seu entorno, logo, se “toda criação poética é histórica” (Paz, 2015, p. 122), todo leitor é agente histórico em transformação.

Entretanto, aquele que experimentou apaixonar-se além das fronteiras brincou com algo que não deveria. Charles Bovary, um reles remediado marido, não cabe, não serve, não satisfaz. Dulcineia não aparece, porque ela é praticamente uma entidade, é quase inalcançável, dados os devaneios criativos (e superlativos) de Dom Quixote. Nota-se que o leitor não se contenta com pouco, suas expectativas jamais são rasas, suas ambições nunca são simples e seus desejos quase nunca são banais.

Quem não lê se farta com migalhas de afeto, farelo de carinhos e amizades com datas marcadas. Por outro lado, quem lê acaba sempre em desgraça. Vejam o caso dos personagens mencionados anteriormente. Só podia dar no que deu: loucura. Gente assim não é normal. Normal é contentar-se com pouco, sem reclamar, normal é cumprir as burocracias da vida, com a explicação herdada de que “sempre foi assim”. Sem questionar, sobrevive-se mornamente e não se incomoda ninguém.

O leitor, ao articular os dramas ficcionais com suas experiências e condições psíquicas, quase sempre padece de um tipo de inconformismo com a realidade. O lugar-comum, a zona de conforto e o pensamento médio são lugares seguros, logo, sair dessa condição mediana, de comodismo e de trivialidade exige esforço, incomoda.

Parafraseando Guimarães Rosa, carece ter coragem para ser leitor, afinal, é preciso entregar-se, abdicar da realidade enquanto se mergulha na ficção e se penetra no bosque (Eco, 1994) no intento de desvendar-se. É por meio dessa entrega que a leitura literária, de fato, mobiliza nossa psique e passa a reconhecer o sonho como realidade.

É importante ressaltar que não se cruzam fronteiras sem uma atitude ativa de pensamento, sem compreensão das engrenagens dos contextos extrínsecos e intrínsecos dos quais se faz parte. A leitura literária nos liberta, mas também nos faz ver o mundo com olhos menos inocentes, expande nossos sentidos por meio do ato de imaginar.

Se esse percurso é mediado pelo prazer, ele também é carregado de fruição, pois a fruição abala o mundo do leitor, suas certezas, suas crenças, suas bases históricas, culturais e psicológicas (Barthes, 2004) e conduz ao novo. Deparar-se com o novo é sempre uma aventura, é sempre um desafio que desloca os sentidos previamente atribuídos, isso quando não os põe totalmente por terra, e esse movimento nem sempre é de deleite, ainda que seja completamente fundamental para o desenvolvimento humano.

Quem não lê segue tranquilamente rumo ao seu destino irremediável. Não se perturba, pois acredita que tudo pode ser explicado por meio de situações causais, já que a vida não passa de fatos, ações e reações, como ensinaria Thomas Gradgrind, famoso personagem de Charles Dickens. Temos o controle de tudo e ponto, e não deveríamos perder tempo em divagações fantasiosas.

Por sua vez, quem lê descobre que as coincidências sempre param de explicar a vida justamente nos pontos mais curiosos, emocionantes e interessantes. No fundo, há sempre um “como?” e um “por quê?” carregados de mistério, e esse além é que motiva a vida, que impulsiona o futuro e que dá sentido ao que fazemos agora. Nesse sentido, aquele que lê é o tipo de gente que tem esperança, que acredita em magia e que sonha.

VOCÊ CONFIA

Aqueles que não se dedicam à leitura acreditam no que veem e até mesmo no que não veem, principalmente nas informações que são compartilhadas em grupos e nas mídias sociais. É possível que seja a falta de leitura, não apenas de literatura, mas de qualquer tipo de leitura, que justifique a disseminação de informações tão absurdas em nossa era de avanço científico, como a teoria da “Terra plana” e outras pseudociências que surgiram nos últimos anos, desde a crença na eficácia da hidroxiclороquina contra o coronavírus até a ideia de que vacina causa autismo e/ou a afirmação de que mudanças climáticas não passam de uma farsa.

Em meio a um contexto preocupante, observamos um alarmante aumento nos discursos de ódio, intolerância, racismo e preconceito. É surpreendente que esses sentimentos ignóbeis persistam em uma era em que o acesso à informação e ao conhecimento é mais amplo do que em qualquer período da nossa história. A disseminação de ideias discriminatórias e ofensivas não pode ser justificada pela ignorância, pois temos à nossa disposição inúmeras fontes de

aprendizado e oportunidades para ampliar nossa compreensão do mundo e das diferentes culturas.

No entanto, é inegável que a falta de leitura desempenha um papel significativo na propagação desses discursos negativos. A leitura não se restringe apenas à literatura em si, mas engloba também a busca ativa por informações confiáveis e o desenvolvimento do pensamento crítico. Ao negligenciarmos a leitura e nos contentarmos com fragmentos de informações superficiais compartilhadas nas mídias sociais ou em grupos de discussão, tornamo-nos mais suscetíveis à manipulação e à aceitação acrítica de ideias distorcidas.

A fim de combater essa realidade, é essencial promover a leitura como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de um pensamento crítico, empatia e compreensão mútua. Ressalta-se que a leitura literária pode cumprir perfeitamente esse papel à medida que o texto é um catalisador de pensamentos, sentimentos e emoções que emergem pelo contato com a narrativa e pelo compartilhamento de mundo entre texto e leitor, como afirma Colomer (2003).

Ao reconhecermos a importância da leitura literária, podemos esperar uma sociedade mais esclarecida, engajada e menos propensa a ser influenciada por discursos de ódio e *fake news*. Nesse ponto, assumimos a perspectiva de Manuel Rui (2011) de que a poesia pode ser utilizada como arma de transformação social, porque a literatura atua na “*formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade” (Colomer, 2007, p. 31, grifo da autora).

Essa sociabilidade põe em jogo as práxis ideológicas, a articulação dialética e as aspirações sociais que, via de regra, deveriam se pautar no bem comum, na propagação de informações úteis e comprovadas. Afinal, as chamadas *fake news* nos afastam de uma convivência sadia à medida que tentam manipular comportamentos e pensamentos.

É nesse contexto alarmante que se percebe mais do que nunca que ser alfabetizado não basta, é preciso ser letrado. Afinal, aquele que lê uma manchete sensacionalista, ouve um *podcast* ou assiste a um vídeo e o compartilha sem duvidar ou checar as informações no geral é alfabetizado, mas não é letrado, já que o letramento é

[...] o processo não apenas de ensinar a ler e escrever, codificação e decodificação de símbolos, mas o domínio de habilidades relativas às práticas diárias de leitura e escrita [...] Não existe, assim, um único tipo de letramento (Coenga, 2010, p. 29-33).

Nossa sociedade precisa de letramentos múltiplos a fim de frear esse movimento de proliferação de informações danosas à sociedade e, entre esses letramentos, destacamos aqui o letramento literário por acreditar que ele seja capaz de apurar o olhar do leitor, desconfiar dos narradores, a exemplo de Bentinho, do garoto Holden, de Roger Ackroyd ou do alinhado Patrick Bateman. Quem conhece esses personagens sabe que uma história pode não ser exatamente como é pintada por aquele que conta, logo, é preciso ler nas entrelinhas, suspeitar de informações fáceis e, principalmente, refletir sobre o que se está vendo. O termo letramento literário designa:

[...] parte do letramento como um todo, fato social caracterizado por Magda Soares como inserção do sujeito no universo da escrita, através de práticas de recepção/produção dos diversos tipos de textos escritos que circulam em sociedades letradas como a nossa. Sendo um desses tipos de texto o literário, relacionado ao trabalho estético da língua, à proposta de pacto ficcional e à recepção não-pragmática, um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler (Paulino, 2001, p. 117-118).

De acordo com essa perspectiva, o letramento literário vai além da simples decodificação das palavras escritas. Ele envolve uma abordagem mais profunda e envolvente da leitura, permitindo ao leitor estabelecer conexões intertextuais, reconhecer os contextos socioculturais nos quais as obras foram produzidas e ser capaz de atribuir significados múltiplos ao objeto estético.

Ao se engajar no letramento literário, o leitor desenvolve habilidades de leitura crítica e interpretativa. Ele é capaz de identificar referências e influências de outras obras literárias, percebendo diálogos e intertextualidade entre diferentes textos. Essa compreensão intertextual enriquece a experiência de leitura, permitindo que o leitor explore camadas mais profundas de significado e aprecie as nuances e as complexidades presentes nas obras literárias.

Além disso, o letramento literário também envolve a capacidade de situar as obras em seus respectivos contextos socioculturais. Isso implica entender as influências históricas, políticas, sociais e culturais que permeiam as narrativas literárias. Assim, o leitor letrado literariamente se afasta da leitura rasa e superficial e aprofunda-se no texto, seu contexto e em suas possibilidades de sentidos.

Ao contextualizar uma obra no período em que foi escrita, o leitor pode captar melhor os temas abordados, os dilemas enfrentados pelos personagens e as críticas ou reflexões que o autor pretendia transmitir. Essa compreensão contextual contribui para uma leitura mais rica e uma apreciação mais completa da literatura.

Isso porque uma característica fundamental do letramento literário é a capacidade de atribuir sentidos múltiplos ao objeto estético. As obras literárias, muitas vezes, são construídas com camadas simbólicas e significados subtextuais que vão além do literal. O leitor letrado (literariamente) é capaz de explorar essas múltiplas interpretações, considerando diferentes perspectivas, simbolismos e metáforas presentes na obra. Essa habilidade de atribuir significados variados enriquece a experiência de leitura, permitindo que o leitor se envolva em um diálogo ativo com a obra e encontre ressonâncias pessoais e universais.

Em resumo, quem lê literatura não é facilmente ludibriado, afinal, ela convida o leitor a ir além da superfície textual, a estabelecer conexões intertextuais e transtextuais, a considerar os contextos socioculturais e a explorar os múltiplos sentidos das obras literárias. Enfim, o letramento literário amplia a compreensão, o prazer e a fruição do texto. Ao desenvolver essas habilidades, o leitor se torna um participante ativo no mundo da literatura, apreciando sua riqueza e complexidade, e contribuindo para uma maior compreensão e valorização da arte literária.

VOCÊ TEM CERTEZA DAS COISAS

Aqueles que negligenciam a prática da leitura literária têm uma convicção inflexível de que as coisas são sempre de uma forma ou de outra, certas ou erradas, boas ou más. Tudo é simples, perfeito e superficial. Por outro lado, os leitores compreendem que a imaginação é o que é verdadeiramente autêntico e que a nossa realidade é, na verdade, de natureza psíquica. As coisas só se tornam verdadeiramente satisfatórias quando a ordem é restaurada em nossa mente. Caso contrário, tudo perde seu encanto, cor e sabor.

Vale mencionar que aqui se assume imaginação na perspectiva de Gilbert Durand (1993), que a considera como rainha das faculdades psíquicas e que possui função mediadora entre a consciência e o inconsciente, permitindo que as estruturas inconscientes se manifestem no plano simbólico.

Essa mesma natureza psíquica explica por que somos afetados de maneiras tão diferentes por um mesmo texto. A leitura literária pode provocar efeitos diversos em diferentes leitores, porque ela não se limita a contar histórias fictícias, mas também tem o poder de revelar verdades essenciais que, muitas vezes, são negligenciadas na realidade cotidiana, como afirma Llosa (2012). O autor, no ensaio intitulado “La verdade de las mentiras”, defende que a ficção literária oferece uma compreensão única e complexa da vida, possibilitando uma visão ampliada do mundo e uma compreensão mais profunda das questões humanas.

Logo, leitores literários sabem que não somos seres puramente racionais ou lógicos; somos uma substância fervilhante, uma explosão diária de uma infância disfarçada por trás das máscaras da responsabilidade adulta. Tudo o que realmente desejamos é, de forma metafórica, um jardim secreto em que possamos brincar sem preocupações com os problemas do mundo exterior.

A prática da leitura literária, devido à sua natureza complexa e multifacetada, desencadeia um processo intelectual que vai além de uma única interpretação ou visão de mundo. É por meio dessa prática que o leitor se depara com a variedade de verdades, pontos de vista e perspectivas analíticas que podem coexistir em relação a um mesmo fenômeno.

A literatura, em sua essência, permite a exploração de uma gama diversificada de ideias, narrativas e vozes, ampliando os horizontes do leitor e desafiando-o a considerar diferentes abordagens diante de uma situação ou problema. Ao adentrar o universo de uma obra literária, o leitor é confrontado com a complexidade do mundo e suas múltiplas facetas, instigando-o a questionar concepções preestabelecidas e a refletir sobre a diversidade de experiências humanas.

Ao reconhecer que a leitura literária é um convite à reflexão e ao pensamento crítico, o leitor compreende que a verdade não é um conceito absoluto e imutável, mas sim uma construção subjetiva, permeada por influências individuais, contextuais e socioculturais. Por meio da leitura literária, o leitor é levado a considerar diferentes perspectivas e entendimentos, examinar contradições e paradoxos, e explorar as nuances e ambiguidades inerentes à condição humana.

É importante ressaltar que a leitura literária oferece um espaço para a coexistência de ideias divergentes, incentivando o leitor a questionar, interpretar e reavaliar constantemente as próprias crenças e concepções. Dessa forma, a leitura literária torna-se uma poderosa ferramenta para a promoção do

pensamento contraditório, permitindo que o leitor reconheça a existência de diferentes verdades e perspectivas analíticas. Ao confrontar-se com narrativas diversas e ambivalentes, o leitor é desafiado a desenvolver uma postura mais flexível e aberta diante do mundo, reconhecendo que a compreensão da realidade é multifacetada e complexa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de encerrar estas reflexões, é importante ressaltar que para aqueles que se entregam à leitura, uma única vida não é suficiente. O leitor reconhece que é possível e necessário viver e experimentar múltiplas existências para alcançar a plenitude e a felicidade. Essa busca por uma vivência ampla e enriquecedora torna-se uma necessidade inegociável para o leitor.

Ao imergir nas páginas dos livros, o leitor compreende que a vida é uma jornada repleta de possibilidades, desafios e descobertas, que as verdades são múltiplas, pois se constroem psíquica, social e historicamente. Por meio da literatura, ele é convidado a vivenciar experiências diversas, habitar mundos imaginários e explorar as complexidades da condição humana (sustentada em ambiguidades e paradoxos). Essa multiplicidade de vivências e perspectivas torna-se essencial para que o leitor encontre a própria verdade e satisfação pessoal no caminho rumo ao amadurecimento e na construção de sua identidade pessoal.

O leitor não se contenta com uma existência limitada ou superficial. Ele anseia por uma vida plena, rica em experiências e aprendizados, disposto a enfrentar os desafios e as transformações necessárias para atingir um estado de realização pessoal. Por meio da leitura literária, ele se conecta com os anseios mais profundos da alma e compreende que é por meio da busca constante e incessante pelo conhecimento e pela vivência que a verdadeira felicidade é alcançada.

Assim, para o leitor, não há espaço para menos do que a plenitude e a autenticidade de sua singularidade. Ele se recusa tanto a aceitar uma vida medíocre ou limitada quanto a existência de verdades absolutas para o mundo e/ou explicações restritas ao senso comum. Em vez disso, busca incansavelmente por experiências significativas, mergulhando nas páginas dos livros e explorando diferentes facetas da existência, de verdades e de possibilidades

dialógicas com o mundo. Somente por meio dessa abertura para múltiplas vidas e mortes simbólicas que o texto proporciona é que o leitor revela suas verdades, transcendendo os limites impostos pela monotonia, pela estagnação e pelo pensamento unilateral.

There are three reasons to (not) read literature

Abstract

The purpose of this work is to reflect on the practice of literary reading as an imaginary experience that mobilizes thoughts, feelings, and emotions in dialogue with the aesthetic object. Literature has the ability to act on the subconscious and enhance processes of individual and social formation, leading the reader to a state of dissatisfaction with common sense, conformity, and absolute truths. This is because literature offers meaningful experiences and stimulates divergent perspectives, broadening the horizons of understanding the phenomena we deal with daily. It challenges stagnant concepts and incites the reader to constantly seek the new and the beyond. Literary reading is therefore a transgressive action, putting at risk preconceived standards and societal models.

Keywords

Literary reading. Imagination. Transgression.

REFERÊNCIAS

- ARALDI, C. L. *Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral* [recurso eletrônico]. Pelotas: NEPFil *on-line*, 2013.
- BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- COENGA, R. *Literatura e letramento literário: diálogo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

DURAND, G. *Imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LLOSA, M. V. *A tentação do impossível: Victor Hugo e Os miseráveis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MELO, M. A. de. Entre livros, leitores e realidade. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 28, p. 161-176, dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/90221/107095>. Acesso em: 25 maio 2023.

PAULINO, G. Letramento literário: por vielas e alamedas. *Revista da Faced*, n. 5, 2001. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2842/2018>. Acesso em: 22 maio 2023.

PAZ, O. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2013.

RUI, M. Manuel Rui: eu e o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. *Negritude e Estudos Literários*, 12 jan. 2011. Disponível em: <http://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011/01/manuel-rui-eu-e-o-outro-o-invasor-ou-em.html>. Acesso em: 20 abr. 2023.